

ARTIGO

AS REDES SOCIAIS ENQUANTO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA COM PRÁTICAS JUVENIS¹

Wellington de Carvalho Arantes²

Matheus Henrique Ribeiro Freire³

Pedro Arthur Crivello Neves Pedreira⁴

RESUMO

Os desafios dos Estágios supervisionados do curso de Geografia-licenciatura da Universidade Federal de Goiás revelam potencialidades e dificuldades nos acadêmicos quanto à constituição de suas identidades e práticas como futuros profissionais, assim como esses mesmos discentes identificam problemas de variadas ordens nas escolas-campo em que estagiam. Este trabalho considera essas duas dimensões, porém, visando uma terceira; as práticas juvenis dos alunos da educação básica na atualidade e as potencialidades que elas possuem para um ensino voltado para a formação do pensamento geográfico, mais especificamente a partir do conteúdo cidade. As redes sociais Tik Tok e Instagram compõem boa parte do espectro das práticas juvenis nos dias atuais, podem ser pensadas como recurso didático por serem constituintes da realidade e possuírem finalidades de socialização entre os estudantes, sendo as linguagens presentes nelas e a linguagem cartográfica, já conhecida da Geografia, que articulam o saber empírico e o conhecimento escolar. A metodologia desse estudo é de base bibliográfica, com considerações reflexivas a partir das experiências vividas. Considera-se que o docente precisa ter repertório suficiente para realizar uma abordagem geográfica do conteúdo, e, a partir disso, conforme a metodologia aqui proposta, executar uma sequência didática que coloque a experiência dos discentes como referência e articule as linguagens presentes nas redes sociais como meio de estimular o interesse pela disciplina.

Palavras-chave: Geografia Escolar. Ensino de cidade. Linguagens.

¹ Trabalho resultante da disciplina de Estágio Curricular Obrigatório 3, apresentado no IV Encontro das Licenciaturas e Educação Básica (ELEB) 2022 da Universidade Federal de Goiás e em processo de publicação nos anais do evento no formato de resumo expandido.

² Graduando do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: wellingtoncarvalho0035@gmail.com

³ Graduando do curso de Licenciatura em Geografia da UFG. E-mail: matheusfreiregeo@gmail.com

⁴ Graduando do curso de Licenciatura em Geografia da UFG. E-mail: pedroarthurcrivello@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A formação de professores de Geografia tem nos processos dos Estágios Supervisionados as condições que aproximam os licenciandos à prática da sala de aula, oportunizando a concretude da teoria com a prática que subsidia suas práxis pedagógicas. São esses conjuntos de vivências e desafios que estruturam este trabalho, que nos modifica enquanto professores em formação, construindo assim reflexões críticas sobre o fazer docente.

Nessas trajetórias experienciais, observa-se a complexidade epistemológica da Geografia, o desafio em mediar seus conhecimentos construídos na universidade com os conhecimentos da Geografia Escolar vivenciados em sala de aula. As recorrentes ausências de abordagens geográficas dos conteúdos trabalhados em sala de aula, que não só estão relacionados a uma dificuldade dos fundamentos teóricos da ciência, mas também à dificuldade de conectar esses conhecimentos ao cotidiano dos alunos e os restritos usos de instrumentos na efetivação de uma aprendizagem significativa e criativa em Geografia, são as problemáticas sobre as quais refletiremos.

A carência de recursos didáticos é um dos empecilhos para o ensino de Geografia, principalmente para os conteúdos cartográficos, que não se resumem à confecção de mapas e ou às localizações dos fenômenos retratados, podendo se estender a uma cartografia existencial. Nesta perspectiva, há outros tipos de linguagens nas redes sociais, como Tik Tok e Instagram, que podem se tornar aliadas ao ensino-aprendizagem, conectando-se ao cotidiano dos alunos e tornando-se metodologias ativas, pois essas redes são chamativas aos alunos e, consequentemente, são responsáveis pela socialização entre eles.

Para que possa se efetivar essa proposta metodológica, são necessárias algumas indagações: como o conhecimento geográfico e as linguagens digitais podem se associar ao cotidiano do aluno a compreender geograficamente o conteúdo de cidade? E, como as linguagens das redes sociais cotidianas nos alunos e as linguagens do conhecimento escolar são capazes de promover o interesse e a participação dos alunos nas aulas de Geografia?

Tomam-se como objetivos para este trabalho apontar caminhos para uma abordagem geográfica de conteúdos de cidade usando as linguagens nas redes sociais (cartográfica, fotográfica e videográfica) com o cotidiano do aluno, e, a partir disso, propõe-se fomentar o protagonismo juvenil despertando o interesse pela Geografia com base no cotidiano dos sujeitos na cidade e em seus usos das redes sociais.

O período pandêmico acentuou o uso do celular devido à demanda das aulas virtuais e adquiriu continuidade com o retorno presencial. As redes sociais, por suas vezes, ganharam

espaço e agora se integram como práticas corriqueiras dos discentes que em grande parte possuem sua aprendizagem assentada no visual, no dinâmico, onde a sua capacidade de concentração se aproxima mais da tela do celular que do quadro em sala de aula. O ciberespaço permite o acesso aos meios de comunicação e informação que conectam realidades, onde os estudantes se vêem inseridos no fomentar dos algoritmos das plataformas. Portanto, propõe-se uma mediação na construção dos saberes geográficos associados ao empírico do cotidiano desses sujeitos para que os conhecimentos sejam mobilizados em formatos de ensino não convencionais, como atividades em plataformas do Google e produção de vídeos/fotos para as redes sociais, estimulando a reflexão crítica sobre a cidade.

Destaca-se a importância de as redes sociais poderem ser convertidas em recursos didáticos, ou ferramentas de ensino, para o ensino de Geografia, de forma que o educando se coloque enquanto protagonista deste processo e construa seu olhar e pensar geográfico. Compreende-se que conforme a maneira que tal fenômeno geográfico é retratado ou entendido surgem diferentes escalaridades para se analisar, compreender, questionar e desacortinar percepções relacionadas à Região Metropolitana de Goiânia (RMG). Tomamos esse núcleo urbano supracitado como referência neste texto, pois os Estágios foram realizados em escolas nele.

A metodologia utilizada parte da experiência vivida e das anotações dos Estágios 1 e 2, a partir dos quais definimos o tema, o problema e os objetivos deste trabalho, sendo também de natureza exploratória para buscar fontes, dados e matérias que ajudem a compreender como esse tema já vem sendo abordado pela Geografia Escolar e pelas tecnologias educacionais, se estruturando dentro de uma base bibliográfica qualitativa. A constituição metodológica do artigo ajuda a estabelecer e fundamentar os passos que tomamos ao elaborarmos um planejamento de proposta didática que possa ser efetivada em sala de aula.

O artigo está estruturado em duas seções. A primeira é uma caracterização e apresentação das potencialidades das redes sociais pensadas como estratégias de incitar a vontade de aprender Geografia com base em seus usos, estando dividida em dois tópicos. A segunda seção, que está organizada em quatro tópicos, faz uma discussão sobre o conteúdo cidade, trata sobre as linguagens nas redes sociais, a importância da experiência nas aulas de Geografia e finaliza com uma proposta metodológica.

2 O USO DAS REDES SOCIAIS, O COTIDIANO E O INTERESSE PELA GEOGRAFIA

Em nossas trajetórias de futuros licenciados em Geografia, nos deparamos com um

intenso uso das redes sociais Tik Tok e Instagram por parte dos discentes nas escolas. Partindo do pressuposto que essas tecnologias são condizentes, em parte, com o cotidiano desses sujeitos no que tange àquilo que é interessante e dinâmico, mas também considerando que existe uma necessidade de filtragem das informações, pode-se dizer que nem tudo que é visto e apreciado pelos alunos na internet pode ser objeto de uma aula, precisando haver uma seleção e um planejamento para a mediação didática.

Segundo Vieira e Higino (2019, p.16), “A falta de discernimento sobre as informações postas na rede criam uma ilusão de que tudo o que há na internet é verdade, de que qualquer coisa que foi publicada se trata de algo verídico”. Assim, pode-se corroborar com a ideia de que o cotidiano real não é completamente abarcado no cotidiano digital, com isso, o interesse pela aprendizagem de Geografia pode ser potencializada por meio do uso das redes sociais para uma conexão das práticas diárias dos escolares com o intermédio da ação pedagógica do educador, aproximando essas mídias sociais aos conteúdos propostos pela disciplina.

Ao refletir sobre a dificuldade de ensinar o aluno a pensar, Soares (2013, p. 77) diz que “Cabe às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), através das suas mais recentes ferramentas, desequilibrar a tendência tradicional, proporcionando aos escolares uma visão crítica e articulada dos processos”. Desse ponto de vista, o autor indica que o docente pode se articular com as tecnologias digitais para que os alunos possam ser provocados a romper suas zonas de conforto e, assim, o uso das redes sociais como ferramenta de ensino se contornam como formas contemporâneas para o ensino de Geografia.

Por definição, uma rede social é uma forma de relação não hierárquica e horizontal entre seus usuários (SOARES, 2013). Elas abarcam muitos eixos conteudísticos conforme o usuário se comporta e, portanto, para serem utilizadas no ensino de Geografia, mais especificamente pensando a cidade, elas precisam ter suas características gerais compreendidas para se pensar em suas potencialidades.

Embora o Facebook seja a rede social com mais usuários, deve-se atentar àquelas que obtiveram um vertiginoso aumento de usuários nos últimos anos. Segundo Monteiro (2020), o TikTok está entre as dez mídias sociais mais acessadas no mundo e que já atinge mais de 800 milhões de usuários, sua principal característica é o compartilhamento de vídeos, se destaca por ser gratuito (como a maioria são) e 66% de seus usuários estão abaixo dos 30 anos. Logo, o aumento de usuários jovens desse aplicativo acaba se materializando nas relações sociais nas escolas e, agora, as aulas de Geografia possuem a possibilidade de ter seu uso, e essa ação metodológica ganha sentido nos resultados da pesquisa de Monteiro (2020) indicando que a

produção de vídeos para o aplicativo pelos alunos colabora na construção do próprio conhecimento.

O Instagram é outro aplicativo de uso recorrente entre jovens em idade escolar, suas funcionalidades têm pontos em comum com o Tik Tok, mas se difere na possibilidade de publicação de fotos, pelo seu layout, entre outras funcionalidades... Vieira e Higino (2019, p. 21) informam que entre as redes sociais mais usadas “o Instagram encontra-se em sexto lugar com 1 bilhão de usuários, porém com uma taxa de crescimento de 5%” e isso se deve à inserção de novas funções.

Metodologicamente, em uma aula de Geografia, as linguagens propostas por essas plataformas digitais (Instagram e Tik Tok) podem ser usadas como meio de apresentação e organização de fotos e vídeos produzidos pelos alunos que serão publicados no perfil social da escola, tendo enquanto recorte espacial a Região Metropolitana de Goiânia (RMG) de modo que as duas plataformas se integrem na problematização, sistematização e sintetização das aulas com as ferramentas do Google: Google Maps e Google Earth.

2.1 A aprendizagem de Geografia estimulada pelas redes sociais

O professor tem o desafio não só de passar o conteúdo, mas sim de fazer que o aluno aprenda verdadeiramente aquilo, para que realmente internalize o conhecimento e não use ele só para “passar na prova”. Mas como é possível ensinar o discente permitindo que ele não só assimile o conteúdo como o pense de maneira crítica, a fazê-lo refletir sobre a realidade em que vive? Em uma perspectiva construtivista, se parte do universo do discente para ensiná-lo, estabelecendo uma relação de dialogicidade entre sujeito e objeto (SANTOS, MENEZES, COSTELLA, 2018), o que acaba gerando interesse pelos estudos. Na Geografia, isso se torna bastante pertinente, pois ela é o estudo do mundo e ela em si “lida com o cotidiano e a crítica da sociedade” (MENDES, 2010, p. 28).

O estudo de cidade, no contexto da disciplina escolar que visa à compreensão de sua concretização no espaço, requer sua identificação pelo aluno, que após se entender como parte dela poderá ter as bases para compreender as relações no mundo a partir de sua experiência urbana. Corroborando com essa concepção, Bento (2011, p.78) aponta que “a cidade é a materialização dos modos de vida, é o espaço simbólico, seu estudo permite o desenvolvimento do sentido global e local na formação de habilidades necessárias na realidade cotidiana.”

As redes sociais são uma maneira de interação entre os alunos, eles podem se

comunicar com colegas no mesmo bairro ou até em outras partes do mundo, o que é uma verdadeira transição de escalaridades. Podem também consolidar relações novas que não surgem necessariamente no espaço escolar. Obviamente, existe um lado positivo e um lado cinzento nessas interações remotas, mas deve-se ter em mente que os conteúdos dinâmicos dos aplicativos é o que os aproxima.

O uso das redes sociais no ensino de Geografia pode ser eficaz por poder despertar nos alunos a autonomia com base em uma ação mais ativa, considerando-se que ao se engajarem na produção, compartilhamento e no consumo de conteúdos direcionados pelo professor, os estudantes expandem seus conhecimentos e entram em contato com outros, permitindo um intercâmbio de conhecimento livre (SOUZA, 2021). Portanto, o uso das redes sociais é um ponto chave para se trabalhar não apenas sobre o que o aprendiz está inserido como também é uma forma de estimular sua autonomia.

Esta proposta metodológica está construída através da base teórica das categorias geográficas, tendo o cotidiano enquanto referencial sob a perspectiva de que o aluno seja um produtor de conteúdos que possuam um significado para a construção do seu olhar geográfico sobre a cidade, despertando a busca pelo saber de forma contínua.

3 A ABORDAGEM GEOGRÁFICA NO ENSINO DE CIDADE (OU A FALTA DELA)

A busca pela aprendizagem em Geografia e pela formação cidadã de forma crítica e autônoma, onde a construção da consciência se desdobra sobre as dinâmicas que integram a cidade e colocam os sujeitos enquanto protagonistas de seus espaços vividos, no qual existe uma abertura para o coletivo e para o individual, se entrelaçam o real e o digital durante a formação do pensamento geográfico. Nas perspectivas que se assentam em visões espaciais, os escolares atingem a funcionalidade ontológica da disciplina, onde o questionar através da observação permite as aproximações e distanciamentos de realidades que se materializam nos tecidos urbanos.

As espacialidades permeiam a cidade e concebem os fenômenos geográficos que caracterizam a produção da vida em suas relações sociais, econômicas, políticas e culturais. Este é um conteúdo multi e inter e disciplinar que tem no professor de Geografia as sensibilidades para que os recortes temáticos sejam realizados, assentados nos conceitos de análise dessa ciência, pra que o conteúdo trabalhado seja uma dorsal sob a perspectiva de qualquer currículo que objetive uma formação cidadã.

Torna-se necessário que o fazer didático esteja integrado com o ensino de cidade

associado ao recorte do conteúdo a ser ministrado, ou seja, é preciso que o educador traga para a sala de aula aspectos do cotidiano para que se alcance uma significação na aquisição de conhecimento geográfico. Para tanto, Cavalcanti e Moraes (2011, p. 17) ao discorrem a respeito da análise geográfica multiescalar (micro e macro), produzida e reproduzida cotidianamente pelos sujeitos nas cidades, que deve ser integrada ao fazer docente, indicam;

Ao observar uma paisagem, o que se vê são os cenários cotidianos: os deslocamentos, a mobilidade espacial, os fluxos e os fixos – os objetos, a moradia, as empresas, os equipamentos, mas também pode-se perceber os diferentes lugares onde as pessoas se instalam, onde permanecem, onde se encontram; nela também se observam as práticas que se realizam no lugar, os lugares e as conexões com os lugares. E ainda é possível ir mais longe e verificar o acesso aos lugares e seu usufruto pelos diversos sujeitos, articulando as práticas e seus sentidos. (CAVALCANTI; MORAIS, 2011, p. 17)

As formas de produção e reprodução do espaço urbano integram o ontológico e as vivências, e, é a partir das experiências do estudante acessadas pelo docente em sala de aula que se torna possível o ensino de cidade realizando travessias, construindo pontes, para discutir aspectos do conhecimento geográfico que pairam entre as dinâmicas socioespaciais e os aspectos físico-naturais do espaço. Estando ausentes as considerações entre as vivências dos sujeitos e o uso dos conceitos geográficos em uma aula de Geografia, ela na verdade não seria uma aula de Geografia. Para esse tema discutido, tem-se de considerar que os cidadãos são quem ocupam, constroem, consomem e significam o meio urbano, por isso, suas percepções devem ser consideradas e não postas debaixo do tapete.

Sendo a cidade uma construção inteiramente humana que apresenta espaços construídos, materializados e “geografizados” pelo olhar geográfico mediado em sala de aula, o professor deve se voltar às nuances que aproximam qualquer recorte temático à espacialização do urbano. Um afastamento ocorre quando tal mediador vislumbra uma forma estática de se ensinar geografia, sendo compartimentada em eixos temáticos que não reproduzem os cotidianos e dificilmente conseguem estruturar o conhecimento geográfico de forma não cartesiana. Nesta perspectiva, o ensino perde sua significação, distancia os sujeitos de suas urbanidades e se desvia do sentido real do ensino de Geografia, a formação de conceitos.

3.1 O espaço urbano visto por diferentes linguagens nas redes sociais

É fundamental que o professor e o aluno conheçam a cidade em que vivem para que

entendam suas características, isso nos leva à seguinte questão: como cada aluno vê a cidade? E, ainda, como ele a vê através das redes sociais? Arrais (2017), em seu livro “Seis Modos de Ver a Cidade”, faz uma análise do ambiente urbano a partir de diferentes conceitos, dos quais podemos citar dois que se encaixam na ótica das redes sociais, sendo eles; a paisagem e o cotidiano.

O modo da paisagem pretende olhar recortes da cidade que levam em conta o ponto de vista de cada morador. Para Arrais (2017, p. 84), “paisagem é, sempre, vista por um indivíduo localizado em um sítio específico, influenciado pelas dimensões econômicas, políticas e culturais da vida cotidiana”. O autor, inclusive, fala da fotografia que recorta um instante da paisagem isolado de outros momentos. Isso leva a crer que é assim que se vê a cidade em redes sociais de fotos como o Instagram e o Tik Tok, tendo em vista que um vídeo são 24 fotos em um frame por segundo. Trata-se, portanto, das linguagens fotográficas e videográficas que podem revelar aspectos da paisagem a partir da percepção de cada indivíduo.

O modo do cotidiano, em complemento ao da paisagem, não engloba um, mas sim vários momentos que formam uma experiência. Segundo Arrais (2017, p. 105), este conceito está “nas maneiras de apropriação dos espaços públicos e privados”. Isso está relacionado com uma das intenções mais recentes das redes sociais, que é a formação de um Vlog pessoal diário por meio de stories, no qual os aspectos da rotina podem se tornar públicos. Para se ver a cidade pela ótica do cotidiano nas redes sociais, com base na proposta metodológica deste trabalho, a linguagem cartográfica aparece como meio de localizar, relacionar e comparar as trajetórias diárias dos estudantes nos lugares em que vivem.

Nesse sentido, pode-se dizer que as redes sociais criam momentos em suas timelines, podendo registrar a paisagem da cidade e cada um desses momentos completam o cotidiano dos seus moradores, mas deve-se atentar que apenas uma parte do conteúdo das redes sociais tem a ver com a cidade e que seus usuários não a registram de forma intencional a pensar na Geografia. Devido a isso, uma proposição de produção de vídeos pelos alunos para o Tik Tok e a confecção de um vídeo síntese para o perfil do Instagram da escola se diferencia como intervenção didática, justamente por ser intencional.

3.2 A relação do cotidiano dos estudantes com as maneiras que se ensina e se aprende sobre o espaço urbano

A partir do conhecimento empírico que o aluno expressa em sala de aula, o educador

enquanto sujeito também deste processo, articula seu repertório a respeito das categorias de análise da Geografia com base em seu saber sobre a cidade a qual se fala, constituindo assim, uma prática pedagógica significativa ao ensino. As experiências dos aprendizes não podem ser ignoradas, assim como também não podem ser tidas como absolutas ou tornadas imutáveis. Há uma carência de horizontalidade no tratamento das experiências, uma vez que uma não pode ser entendida como mais importante que a outra.

Souza (2011, p. 111), ao falar sobre a progressão do ensino de Geografia conforme se avançam os anos escolares, indica que as formas de ensino nos anos iniciais da educação acontecem a partir de “[...] uma metodologia de ensino de Geografia baseada na ideia de ‘círculo concêntrico’, em que o eu é o ponto de referência para o processo de aprendizagem e vai se deslocando para espaços mais ‘complexos’ [...]”, e um grande equívoco de muitos professores é a descontinuidade a essa ação ao pensarem que nos anos finais do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio o que deve predominar é o abstrato. A formação continuada e a auto-reflexão são práticas que todo docente precisaria adotar para repensar suas metodologias de ensino continuamente.

Os professores de Geografia em formação têm acesso a um ensino de cidade com referências teórico-conceituais muito enfatizadas para o meio acadêmico e transpassando os muros das universidades, encontra-se outra realidade nas escolas, outras formas de se teorizar e conceber o espaço urbano. Cavalcanti (2006) concebe a Geografia Escolar como um saber do educador, a qual só se realiza de fato quando o docente a ensina, ou seja, é no amontoado das vivências cotidianas que os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem constroem o conhecimento geográfico ensinado em sala de aula, ou seja, a primeira referência para o ensino de cidade na escola é a experiência e não apenas as teorias acadêmicas prontas.

Ao se pensar o ensino de geografia sob a perspectiva de uma formação cidadã, desdobram-se metodologias que contemplam o dia a dia do aluno, tendo enquanto denominador comum uma posição não estática resumida a uma sequência didática rígida. As formas de habitar e estabelecer laços com os lugares em que os cotidianos são construídos sob a escala do olhar geográfico que será construído através do ensino de Geografia, fazem da escola a “expressão da cidade”, onde as diferentes experiências, culturas, lugares e paisagens se integram.

3.3 A utilização das redes sociais nas aulas de Geografia para o ensino de cidade

Tomando como desafio metodológico a integração da aula de Geografia sobre o tema

cidade com a utilização das redes sociais, pode-se partir de diferentes proposições. Sugere-se que, em primeiro lugar, é preciso conhecer a realidade do aluno para conseguir tornar o conteúdo significativo e passível de uma real tomada de consciência. Sobre essa necessidade de conhecer o aprendiz e elaborar a aula a partir de uma problematização, Santos (2017, p. 94-95) diz que;

Desenvolver uma atividade didática cujo foco é a pesquisa significa entendê-la como uma estratégia de ensino que dá mais importância aos conhecimentos dos alunos, à medida que dificilmente a solução de um problema é descoberta por acaso, mas, antes, exige a concretização de um processo planificado, com base em conhecimentos prévios, conceituais e procedimentais e em novos conhecimentos, identificando como relevantes e necessários para a resolução das questões propostas para a investigação.

Logo, a ação da pesquisa, a experiência do aluno com seus conhecimentos prévios e a solução de problemas também englobam esse momento do ensino, e deve-se ressaltar que a pesquisa é uma dimensão para ambos sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, ela possui a finalidade de conhecer o espaço para além do empírico e/ou do pessoal e produzir novos saberes.

Cavalcanti (2014) apresenta propostas para o ensino de cidade (metrópoles) com base em sua sequência didática proposta para o ensino de Geografia. Relacionaremos essa autora com o uso das redes sociais, de forma em que o Tik Tok se enquadra no momento da problematização; durante a sistematização o professor pode recorrer à linguagem cartográfica e aos aplicativos de geolocalização, Google Earth e Google Maps; e, o Instagram se enquadra no momento da sintetização. A fotografia e o vídeo aparecem nos três momentos.

Pensando a partir da mobilidade na Região Metropolitana de Goiânia (RMG), por exemplo, uma forma diferenciada de problematizar a aula seria pedir para que os discentes registrassem fotos e vídeos de seu caminho de casa até a escola por meio do Tik Tok, ou seja, fazendo uso das linguagens videográficas e fotográficas. Essas produções audiovisuais fariam que o professor conseguisse captar as percepções sobre a paisagem e assim compreender qual é o tempo que o estudante leva no deslocamento, qual é o meio de transporte que usa, quais lugares mais ou menos gentrificados ele perpassa, quais são as condições e a qualidade dos sistemas de transportes e até mesmo os gostos culturais de seus alunos, uma vez que eles poderiam selecionar uma “trilha sonora” para seus vídeos. As respostas para essas variáveis podem diferenciar em função da localização da própria escola.

A ordem da utilização das redes sociais não é rígida, o importante é que elas sejam pensadas como recurso didático para fomentar o protagonismo juvenil, e, que a sequência

didática seja um meio do educador conhecer a realidade do educando para sistematizar conteúdos com um teor mais pragmático, mas sem perder de vista o conhecimento teórico.

A seguir, apresenta-se no Quadro 1 as indicações gerais da proposta com base nas metodologias de oficina e trabalho de campo (adaptável a outras metodologias), que, a partir de diversos recortes, como mobilidade, acessibilidade, componentes físico-naturais, arquitetura, entre outros, pode ser usada como base para o ensino de cidade.

Quadro 1: Proposta de encaminhamento metodológico para ensinar sobre a cidade usando as redes sociais – 2022.

Principais etapas	
Problematização	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da proposta aos estudantes para elaboração de um percurso inclusivo (plano de ensino), propondo o uso do celular como principal instrumento no processo. • Propor que os alunos façam, livremente, vídeos (com fotos) de até 3 minutos por meio do Tik Tok do caminho percorrido de casa até a escola. • Nas orientações; trazer exemplos e direcionar o olhar para os fenômenos que se materializam no espaço conforme o conceito geográfico e o tema pelo qual se pretende trabalhar. • O uso criativo de filtros, estar ou não no vídeo, tipo de sonorização a ser utilizada, inserir escrituras, uso de imagens e recortes de gravações posteriormente unidas, são independentes. • Os vídeos podem ser postados ou não, mas devem ser encaminhados para o professor, para que ele planeje a próxima etapa.
Sistematização	<ul style="list-style-type: none"> • Ensinar o passo a passo sobre o uso de ferramentas de geolocalização, no laboratório de informática preferencialmente. • Com base no vídeo feito para o Tik Tok pelo aluno, representar o trajeto de casa até a escola pelos apps de geolocalização de variadas formas. • Intervenção didática do professor a partir das questões diagnosticadas nos vídeos e no tema eleito para a(s) aula(s). • Atividade de campo em pontos estratégicos e produção de novos vídeos, pelos alunos e pelo docente.
Sintetização	<ul style="list-style-type: none"> • Interligar os vídeos dos alunos com os trajetos traçados por eles até a escola com o roteiro da atividade de campo para a construção de uma noção espacial sobre a realidade percebida por eles e o conteúdo escolar/científico. • Seleção dos 10 ou 15 segundos mais pertinentes de cada vídeo dos estudantes e do professor para elaboração de dois vídeos síntese para publicação no perfil do Instagram da escola, unindo e dando sentido às etapas anteriores. • Diferenciar os vídeos síntese iniciais dos vídeos síntese do trabalho de campo.

Fonte: Adaptado de Cavalcanti (2014).

A finalidade da produção dos vídeos na problematização é de comparar as diferentes realidades que cada sujeito enfrenta até o espaço comum da sala de aula. Pode ser um meio de socialização das experiências. Já os vídeos do trabalho de campo servem como meio de

entender como cada indivíduo percebe um mesmo fenômeno de formas distintas. A função do Tik Tok não é necessariamente a divulgação dos vídeos, mas sim, o uso de suas ferramentas de edição.

Na sistematização, que significa “elencar elementos do conceito e discuti-los em consonância com o tratamento do tema” (PORTELA, 2017, p. 15), o educador precisa realizar uma exposição dialogada do conteúdo escolar, que de alguma forma, deve dar respostas aos problemas e às situações dos componentes paisagísticos apresentados nos vídeos feitos pelo/para o Tik Tok.

Para a sintetização da aula, ou das aulas, pois nesse caso podem ser necessário mais momentos pedagógicos, pode ser feita a elaboração de vídeos síntese com os momentos mais representativos de cada vídeo feito pelos alunos tendo como base o tema selecionado para se falar da RMG. O vídeo síntese do caminho de casa pode ser publicado no perfil do Instagram da escola e compor um mural sobre as diferentes nuances da cidade, podendo mostrar de um lado da tela os momentos dos vídeos feitos pelos estudantes, e, do outro lado, o percurso cartografado, o qual os alunos percorreram para capturar aqueles momentos. O vídeo do trabalho de campo pode apresentar um mapa com o percurso comum de todos e os diferentes registros paisagísticos que cada um considerou mais importante, compondo outro mural. A função dos Instagram é divulgar os vídeos produzidos para a comunidade escolar.

Um adendo importante: a produção dos vídeos não necessariamente necessita de que os estudantes se identifiquem, para que não haja problemas com direitos do uso de suas imagens pessoais. Outra possibilidade é de o estudante ser exposto a uma situação de constrangimento e vulnerabilidade quando seu vídeo do caminho de casa for tornado público e, para evitar isso, basta desassociar seu perfil de sua respectiva produção audiovisual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se os desafios docentes na atualidade frente às políticas educacionais, que nem sempre contribuem com a plena execução das melhores estratégias de ensino que um professor possa conhecer, seja pela limitação da autonomia advinda do currículo, pela imposição de meios de avaliação unilaterais ou pela ausência de estrutura que inclui os recursos didáticos dentro das problemáticas da ausência de investimentos, as redes sociais por estarem contidas em um aparelho móvel, que é praticamente uma extensão do corpo dos estudantes, apresenta potencialidades de serem inseridas como recurso didático, desde que com planejamento e objetivos pedagógicos.

A ausência da habilidade de lecionar os conteúdos geograficamente pelos docentes é muito frequente, logo, as considerações apresentadas nesse texto caminham para uma indicação de que o entendimento dos conceitos geográficos, a consideração das vivências dos sujeitos e a materialização dos fenômenos no espaço devem ser as primeiras preocupações do professor de Geografia que fizer uma auto-reflexão de sua ação didática e entender que para construir um olhar geográfico no aluno, é preciso, em primeira instância, possuí-lo.

O Tik Tok, o Instagram e as linguagens (cartográfica, videográfica e fotográfica) se complementam em um momento que prender a atenção do aluno de forma orgânica e ministrar os conteúdos geográficos precisam se aliar, pois, separadamente um se torna exemplo de distração e divertimento, e, o outro (as linguagens) não conseguem abarcar a representação de mundo que são capazes quando são meios e não fins. Portanto, não é a rede social em si que ensina ou detém os conteúdos de ensino, como um livro didático, mas são as linguagens com a intervenção do educador que as geografizam e direcionam o olhar dos discentes a uma formação de seus pensamentos geográficos com base em suas práticas juvenis.

Este trabalho nos propõe, ainda, a refletir sobre mais um desafio para um ensino democrático e transformador, pois, ao mesmo tempo que trabalhar com redes sociais pressupõe uma aproximação com o universo dos educandos, ainda é uma ação de trabalho que não abarca um grupo minoritário de renda muito baixa ou muito leigo, que pode não saber usar ou possuir celular, portanto, existe a possibilidade da execução desta proposta metodológica em grupo, de forma a minimizar os efeitos das disparidades entre os discentes.

SOCIAL NETWORKS AS A TEACHING RESOURCE FOR THE TEACHING OF GEOGRAPHY: THE FORMATION OF GEOGRAPHIC THINKING IN YOUTH PRACTICES

ABSTRACT

The challenges of the supervised internships of the Geography course at the Federal University of Goiás reveal potentialities and difficulties in the students regarding the constitution of their identities and practices as future professionals, just as these same students identify problems of various orders in the field schools in which they intern. This paper considers these two dimensions, however, aiming at a third one; the juvenile practices of students in basic education today and the potential they have for a teaching focused on the formation of geographic thinking, more specifically from the city content. The social networks Tik Tok and Instagram compos emuch of the spectrum of juvenile practices today, can be thought as a didactic resource because they are constituents of reality and have purposes of socialization among students, are the languages present in the mand the cartographic language, already known of Geography, which articulate between empirical knowledge and school knowledge. The methodology is bibliographically based, with reflective considerations based on lived experiences. It is considered that the teacher needs to have sufficient repertoire to carry out a geographic approach to the content, and, based on that, according to the methodology proposed here, execute a didactic sequence that puts the experience of students as a reference and articulate the languages present in social networks as a means of stimulating interest in the discipline.

Keywords: School Geography. City teaching. Languages.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, T. A. **Seis modos de ver a cidade.** Goiânia: Cânone editorial, 2017.

BENTO, I. P. Estudar a cidade e seus sujeitos para aprender geografia. In: MORAIS, E. M. B. de.; CAVALCANTI, L. de S. (Org). **A cidade e seus sujeitos.** Goiânia: Editora Vieira, 2011, p. 89-108.

CAVALCANTI, L. de S. A metrópole em foco no ensino de Geografia: o que/para que/para quem ensinar? In: PAULA, F. M. A.; CAVALCANTI, L. S.; SOUZA, V. C. **Ensino de Geografia e Metrópole.** Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014, p. 27-41.

_____. Geografia escolar na formação e prática docentes: o professor e seus conhecimento geográfico. In: Encontro nacional de didática e prática de ensino. **Anais...** Recife, 2006, p. 109-126.

_____. MORAIS, E. M. B. de. **A cidade, os sujeitos e suas práticas espaciais cotidianas.** Goiânia: Editora Vieira, 2011, p. 13-30.

MENDES, M. A obra Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire e a prática docente na geografia: contribuições para o pensamento geográfico. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 1, n. 1, 2010.

MONTEIRO, J. C. S. Tik Tok como novo suporte midiático para a aprendizagem criativa. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, Vitória, v. 1, n. 2, p. 5-20, 2020.

PORTELA, M. O. B. Propostas para o ensino de cidade: Problematizar, sistematizar, sintetizar e significar. In: OLIVEIRA, K. A. T. de; PIRES, L. M. (Org). **Ensinar sobre a cidade**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2017, p. 13-29.

SANTOS, L. A. dos. Elementos didáticos da pesquisa para o ensino do conteúdo cidade. In: OLIVEIRA, K. A. T. de; PIRES, L. M. (Org). **Ensinar sobre a cidade**. Goiânia: Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2017, p. 91-106.

SANTOS, L. P. dos; MENEZES, V. S.; COSTELLA, R. Z. Piaget pedagogo? A criança, o espaço geográfico e a epistemologia do professor. **Itinerários reflections**, v. 14, n. 2, p. 1-18, 2018.

SOARES, M. I. **A tecnologia Web e o ensino da geografia**: ser professor com mediação digital. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de Lisboa, Portugal, 2013.

SOUZA, J. M. de. *et al.* Uso de redes sociais como ferramenta pedagógica na Educação Básica: um relato de experiência. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, 2021.

SOUZA, V. C. de. **A construção do conhecimento sobre a cidade e sobre o urbano na formação inicial de professor de Geografia**. Goiânia: Editora Vieira, 2011, p.109-127.

VIEIRA, C. O.; HIGINO, V. L. F. **Uso da tecnologia no ensino da geografia na educação básica**: o Instagram como instrumento metodológico. Universidade Estadual da Bahia, Jacobina – BA, 2019.

Recebido em 10/11/2022.
Aceito em 22/12/2023.